DIAS, Aline Milena Borges da Silva. A constituição da autoria em capas de revista sobre a vacinação no Brasil: análise das relações verbo-visuais e dialógicas. Dossiê Ler os discursos sobre o evento pandêmico: discursividades culturais, políticas, sanitárias. Cadernos Discursivos, Catalão-GO, Vol. 1, N. 1, p. 237-255, 2023. (ISSN: 2317-1006 - online).

A CONSTITUIÇÃO DA AUTORIA EM CAPAS DE REVISTA SOBRE A VACINAÇÃO NO BRASIL: *ANÁLISE DAS RELAÇÕES VERBO-VISUAIS E DIALÓGICAS*

THE CONSTITUTION OF AUTHORSHIP IN MAGAZINE COVERS ABOUT VACCINATION IN BRAZIL: ANALYSIS OF VERB-VISUAL AND DIALOGICAL RELATIONS

Aline Milena Borges da Silva Dias[1]

Resumo: Este trabalho objetivou investigar a constituição da autoria em dois enunciados verbo-visuais de capas de revista sobre vacinação no Brasil. Para tanto, tomou como *corpus* as edições digitais 2.643 da revista ISTOÉ e 2.756 da Veja. A abordagem teórica se deu com base nos conceitos de autoria, dialogismo, entoação expressiva, enunciado e verbo-visualidade. A metodologia foi qualitativa, do tipo documental e bibliográfica. Os resultados apontaram que, em ambas as capas, a autoria é constituída no alinhamento dos produtores ao discurso científico vigente acerca da vacinação, o que levou, assim, o sujeito ISTOÉ a propor uma vacina contra a ignorância e o sujeito VEJA a nomear o movimento antivacina de vírus.
Palavras-chave: autoria; capas de revista; enunciados verbo-visuais; relações dialógicas.

Abstract: This study aimed to investigate the constitution of authorship in two verb-visual statements of magazine covers on vaccination in Brazil. To this end, it took as its corpus the digital editions 2,643 of ISTOÉ and 2,756 of Veja. The theoretical approach was based on the concepts of authorship, Dialogism, expressive intonation, enunciation and verb-visuality. The methodology was qualitative, documentary and bibliographical. The results showed that, in both covers, the authorship is constituted in the alignment of producers to the current scientific discourse about vaccination, which leads, thus, the subject ISTOÉ to propose a vaccine against ignorance and the subject VEJA to name the movement antivaccine virus.
Keywords: authorship; magazine covers; verb-visual statements; dialogical relations.

Introdução

Este trabalho tem por objetivo central investigar a constituição da autoria no enunciado verbo-visual das capas de revista, considerando o dialogismo constitutivo da linguagem. A partir disso, tem como objetivos específicos: (1) compreender como as materialidades verbais e visuais atuam conjuntamente na criação de posicionamentos axiológicos que instituem a autoria de sujeitos midiáticos, com um importante papel na formação da apreciação social a respeito da vacina contra a COVID-19; (2) analisar

[1] Graduada em Licenciatura em Letras-Português pela Universidade Federal de Pernambuco (UFPE). Integrante do Núcleo de Estudos de Língua e Discurso (NELD). E-mail: aline.borgessilva@ufpe.br.

como o signo "vacina" é discursivizado nas capas e como isso reflete e refrata as opiniões insurgentes no período.

O espaço social é cotidianamente marcado por tensões resultantes do encontro de consciências em interação. Essas tensões são instituídas por um jogo contrastante de forças, que atuam ora centralizando os enunciados em torno de um dado aspecto da realidade, ora promovendo a sua dispersão e resistindo a qualquer movimento unívoco. No plano da linguagem, em que a palavra figura como o fenômeno ideológico por excelência (VOLÓCHINOV, 2017) na mediação entre o indivíduo e o mundo, tais relações formam a heterogeneidade discursiva, isto é, instauram o dialogismo constitutivo do enunciado.

Concebida nessa discussão, a autoria na perspectiva bakhtiniana é entendida como a ação de assumir posicionamento frente a outros (FARACO, 2011). Logo, conforme explica Sobral (2009), o conceito de autor para o Círculo recobre não apenas o sujeito produtor de obras (literárias ou não), mas o de enunciados em geral, uma vez que todo agente de um ato humano é autor de seus atos. Na mesma direção, Leite (2021, p. 96) destaca a responsabilidade intransferível do sujeito pela existência de seu enunciado, independentemente do gênero a que esse pertença ou da presença ou não cópia da forma textual de um outro enunciado, pois "a produção de enunciado X por um sujeito é a principal marca autoral deste enunciado".

Consequentemente, como pontua Bubnova (2011), o autor pode ser ainda fisicamente desconhecido, coletivo, ou mesmo a obra ser criação de uma sequência geracional. A autoria não está condicionada a esses fatores, antes "implica estar relacionado com vontade criadora e com posição determinada à qual se pode reagir dialogicamente" (p. 276). De fato, o autor nessa concepção não se confunde com o indivíduo-autor, mas é uma imagem desse, que toma a forma de autor-criador e dá forma ao material textual (SOBRAL, 2009). Logo, "o autor bakhtiniano é um autor de linguagem e não um sujeito concreto em termos ontológicos, embora para o Círculo não possa haver autor sem haver um sujeito concreto" (*Ibidem*, p. 65).

À vista disso, a análise desse fenômeno é um exercício indispensável à compreensão dos discursos correntes na contemporaneidade, especificamente no período pandêmico, considerando-se que autor é também "essa consciência cronotopicamente situada na tangente, lendo holisticamente os conflitos de uma cultura

na materialidade da realidade" (ARÁN, 2014, p. 17). Nesse contexto, a capa de revista se faz apropriada ao estudo pelo modo de abordagem da informação, uma vez que sua percepção é "realizada no processo de ativar diferentes saberes e conhecimento de mundo de cada leitor" (RIOS e OSIAS, 2021, p. 11). Assim, constitui-se em uma apresentação condensada e intrigante da informação, de modo que "mesmo antes de chegar ao interior da revista, o leitor já consegue antecipar o conteúdo e o posicionamento ideológico daquele veículo." (CARDOSO E SILVA e CABRAL, 2015, p. 2).

A escolha dos temas é um ponto chave nesse particular. Dentre as notícias trazidas na edição, é abordado um assunto recente e popularizado na vida social, o qual recebe maior relevância, tanto pela precedência na apresentação quanto pela forma mais complexa como a capa é estruturada – incluindo outros gêneros, como a manchete – e ainda outros temas que aparecem dispostos de forma secundária na capa. Neste trabalho, a seleção das capas considerou como critério a abordagem do tema da vacinação contra COVID-19 no Brasil.

Dentro do gênero revista, foram escolhidas as capas de revistas digitais. Nesse caso, destaca-se o uso dos hiperlinks, que vincula os diferentes gêneros de seu espaço gráfico entre si. Sendo assim, é claro o dialogismo existente entre tais enunciados, evidenciado na unidade temática que gerencia todo o projeto verbal e visual: as chamadas, e sua distribuição na página, os tipos gráficos, as imagens ou as fotos, as cores, entre outros elementos composicionais (PUZZO, 2009). Essa mescla de componentes expressivos no recorte de um dado tema traz o debate para dentro de um outro plano de expressão, "sinalizando e/ou desencadeando novas formas de ver." (BRAIT, 2013, p. 55). Nesse sentido, pelo teor publicitário que desvela, o enunciado verbo-visual da capa de revista tem um importante papel na formação da imagem dos agentes que estão por trás de sua criação.

Para a constituição do *corpus* de pesquisa, foi utilizada a versão digital da edição 2643 da Revista ISTOÉ, de 11 de setembro de 2020, e da edição 2756 da Revista Veja, de 22 de setembro de 2021, publicadas pela editora Três Abril e Abril, respectivamente. Uma pesquisa realizada em 2021 pelo site Poder 360 mostrou que a Veja, conhecida por ter uma das maiores tiragens impressas do mundo (chegando a mais de 1 milhão), sofreu uma significativa queda em sua circulação impressa e digital de 2015 até 2021.

No digital, o decréscimo foi de 22%, passando a revista de 183.036 exemplares para 91.541. Já a revista ISTOÉ não participou do estudo, por não ter sua circulação auditada. De toda forma, ambas as revistas contam com um significativo histórico de publicações – a Veja com criação em 1968, e a IstoÉ, em 1976.

Para desenvolver as questões apresentadas, o artigo foi organizado nas seguintes seções: primeiramente, há a apresentação e discussão do referencial teórico mobilizado para a fundamentação das análises das capas; na seção seguinte, há descrição dos métodos e procedimentos adotados ao longo da construção da pesquisa; na terceira seção, há análise das capas de revista; por fim, nas considerações finais, uma síntese dos principais resultados alcançados pelo estudo é apresentada.

2. *Fundamentação teórica*

Sabe-se que as palavras possuem uma significação linguística estável e normativa, como unidades da língua, pela qual a comunicação é primeiramente possível. Ao passarem à instância do enunciado, lugar onde a aprendemos e a utilizamos, são marcadas pelo juízo de valor do sujeito que as utiliza. Bakhtin (1997) intitula esse fenômeno de processo de assimilação. Segundo ele, “as palavras dos outros introduzem sua própria expressividade, seu tom valorativo, que assimilamos, reestruturamos, modificamos.” (p. 315). Nesse sentido,

> Pode-se colocar que a palavra existe para o locutor sob três aspectos: como palavra neutra da língua e que não pertence a ninguém; como palavra do outro pertencente aos outros e que preenche o eco dos enunciados alheios; e, finalmente, como palavra minha, pois, na medida em que uso essa palavra numa determinada situação, com uma intenção discursiva, ela já se impregnou de minha expressividade (p. 314).

Situando-se nessa perspectiva teórica, referente à Análise Dialógica do Discurso, a palavra comporta-se como uma arena na qual convergem valores sociais contraditórios (VOLÓCHINOV, 2017). Isso porque a comunicação verbal se faz no contato com a situação concreta e é ligada inextricavelmente a outros tipos de comunicação com os quais cresce nesse terreno (VOLÓCHINOV, 2017). O signo reflete, então, enquanto comunidade semiótica, a luta de classes, o que caracteriza a sua plurivalência social. Em decorrência dessa historicidade de confrontos e disputas, o

signo não é estanque, nem morto, ao contrário está sempre em mudança.

Nessa discussão, também conforme Volóchinov (2017), há a entoação expressiva como a forma mais clara de observar a apreciação da palavra. A entoação é a expressão do falante no enunciado, de seus sentimentos e estado de espírito, determinada pela situação imediata em que se desenvolve a enunciação. Ela é, então, um elemento inseparável do enunciado, uma vez que apenas os elementos abstratos considerados no sistema da língua se apresentam destituídos de qualquer valor apreciativo.

Logo, a autoria nasce pela combinação entre o contexto multivocal em que o sujeito está imerso e a configuração de um evento único e irrepetível que ele mesmo representa inevitavelmente em seu ato responsável. Está fundada numa zona de interesses em conflito, pois "o que é constitutivo das diferentes posições sociais que circulam numa dada formação social é a contradição. O contrato se faz com uma das vozes de uma polêmica." (FIORIN, 2011, p. 13). Assim sendo, ao tomar a palavra com os seus índices valorativos consubstanciados, o indivíduo agencia a pluralidade de vozes ressonantes no seu discurso e assim assume o lugar de autor, que é, em outras palavras, o de "orquestrador da multivocalidade que se estabelece em sua produção de linguagem" (FRANCELINO, 2007, p. 112). Consequentemente, o sujeito bakhtiniano é tanto da ordem do social quanto do singular.

A propósito, no plano estético, Bakhtin (1997) desenvolve o conceito de autor-criador para designar a posição axiológica de função estético-formal que perfaz uma relação específica com o herói dentro da obra, em oposição ao autor-pessoa - a pessoa física. Dessa teorização, importa, por ora, recuperar alguns dos aspectos dessa discussão para traçar paralelos com o processo de engendramento da autoria fora das preocupações formais e estéticas, no universo inacabado da existência.

Nesse sentido, o autor-criador, como uma função interna ao objeto estético, é responsável por recortar e reorganizar os eventos da vida real transpostos para a obra, materializando uma certa relação axiológica dentre as muitas possíveis (FARACO, 2011). É, portanto, uma posição refratante, uma vez que os acontecimentos recebem uma conformação particular sob o seu ponto de vista. Semelhantemente, a autoria, tal como introduzida neste espaço, é resultado de uma reação do falante à cadeia verbal, que o leva a produzir um "modo dialógico específico de enunciar" (FRANCELINO,

2007, p. 112).

As relações dialógicas são tomadas, assim, como categoria fundante (BRAIT, 2013, p. 51) tanto do enunciado, haja vista que este se forma necessariamente na interação, quanto do fenômeno da autoria de que ele é reflexo, com a tomada de posição pelo indivíduo frente aos outros elos da cadeia verbal. Tal ótica leva a assumir que, no interior da linguagem, todos desempenham o papel de respondentes, uma vez que "viver é agir e agir em relação ao que não é o eu" (FIORIN, 2011, p. 9). É, então, nesse limiar teórico que a filosofia bakhtiniana se insere, a qual pode ser adequadamente entendida como uma filosofia da alteridade (FARACO, 2011, p. 24).

Logo, o enunciado das capas de revistas é perfeitamente propício à análise dessas relações. Prova disso traz Puzzo (2009), que afirma serem as capas de revistas um gênero secundário, composto de vários elementos, como fotos, letras em tamanhos variáveis que compõem títulos, assinatura e informações pontuais como data, número de edição, logotipo da empresa. Outro elemento destacado pela autora é a sua elaboração coletiva, uma vez que não há um enunciador, mas uma equipe de produção. Dessa maneira, o projeto verbal e visual da capa – na abordagem adotada neste trabalho, verbo-visual – é também resultante do diálogo entre as vozes dos diferentes profissionais que integram tal equipe, afinada com a editoria.

Como anteriormente abordado, o fato da construção da capa de revista ser colaborativa não impede a autoria, nem gera confusão no entendimento do enunciado. As informações dispostas na capa expressam um julgamento de valor, "geralmente imbricado na informação, levando à apreensão dos fatos sob um prisma determinado" (PUZZO, 2009, p. 130). Por tal razão, a ideia de imparcialidade informativa é ilusória, pois o enunciado da capa indica o posicionamento ideológico da empresa em relação aos temas noticiados, como também o estilo individual da revista (PUZZO e LACERDA, 2015). Por conseguinte, essas capas situam-se no intermédio entre jornalismo e publicidade, pois, enquanto as manchetes procuram chamar a atenção para os fatos veiculados na revista, alteram a informação, ou seja, a objetividade proposta nessa esfera de circulação de notícias (PUZZO, 2011).

Nesse ínterim, Puzzo (2011) aponta o efeito persuasivo das capas como decorrente do tratamento estético da linguagem verbal articulada à visual. Segundo a autora, são os procedimentos estéticos verbo-visuais que operam nas capas o

distanciamento dos fatos reais no projeto de expressar indiretamente a ideologia da empresa. Dessa forma, destaca-se a importância da relação entre essas linguagens, a qual, como colocado por Brait (2013), não é sempre igual. É possível haver gradações no espaço ocupado por uma e outra na composição do todo. Finalmente, esses sinais gráficos são dotadas de sentido, tendo em vista as relações dialógicas que a capa estabelece com enunciados precedentes e posteriores (PUZZO e LACERDA, 2015).

3. *Metodologia*

A presente pesquisa seguiu a abordagem qualitativa, considerando a adequação dos métodos e das técnicas ao objeto estudado, à natureza e ao tratamento do fenômeno escolhido (MARCONI e LAKATOS, 2003, p. 163). No campo das ciências sociais, a pesquisa qualitativa tem alcançado reconhecimento por, a partir da proposição inicial de questões amplas, aprofundadas ao longo do trabalho, possibilitar "a obtenção de dados descritivos sobre pessoas, lugares e processos interativos pelo contato direto do pesquisador com a situação estudada, procurando compreender os fenômenos segundo a perspectiva dos sujeitos [...]" (GODOY, 1995, p. 58). Dessa maneira, o presente trabalho atende a tal metodologia, ao trazer à tona uma reflexão pautada numa abordagem processual e contextualizada do corpus, visto em seu todo complexo, que é de ordem social.

Primeiramente, para o levantamento de dados, adotamos a pesquisa do tipo documental, tendo em vista a natureza do *corpus*. Portanto, nessa fase exploratória inicial, recolhemos as capas das edições digitais 2. 643 da Revista ISTOÉ, de 11 de setembro de 2020, e da edição 2.756 da Revista Veja, de 22 de setembro de 2021. A escolha pelo número de duas produções teve como objetivo possibilitar uma análise mais aprofundada dos exemplos, bem como realizar uma comparação entre a forma como cada capa responde ao evento da vacinação no Brasil, inclusive em momentos diferentes da pandemia.

A escolha das duas revistas ocorreu, primeiramente, pelo recorte que fazem da reação de uma parte da população à vacina contra COVID-19, remetendo o enunciado a lugares discursivos polêmicos, tendo em vista a disputa de sentidos gerada pela substituição de "COVID-19" por "ignorância". Ainda, por elas representarem

importantes vozes sociais que, ao longo do tempo, vem conquistando a atenção nacional dentre os outros veículos da mesma natureza, sendo recorrentemente avaliadas pelo público como porta-vozes de posições político-partidárias específicas.

Paralelamente, foi realizada a pesquisa bibliográfica, que diz respeito ao acesso ao material já elaborado, principalmente livros e artigos científicos (GIL, 2002). Essa etapa se deu para, por meio da revisão de literatura pertinente à área do estudo, identificar os conhecimentos já produzidos nos quais a pesquisa poderá se fundamentar.

À vista disso, recorreu-se a trabalhos contemporâneos ligados à Análise Dialógica do Discurso e ao estudo da verbo-visualidade e do gênero capa de revista, tais como os de Bakhtin (1997; 2006) Faraco (2009), Fiorin (2011), Francelino (2007), Brait (2013), Puzzo (2009; 2011) e Puzzo e Lacerda (2015), os quais possibilitaram a execução da etapa seguinte, isto é, o reconhecimento dos conceitos pertinentes ao desenvolvimento da pesquisa. Essa etapa foi escolhida por, além de dar suporte à pesquisa em vista, esclarecer a escolha pelo enfoque qualitativo, ao possibilitar a reflexão acerca da natureza do problema que se pretende estudar e as questões e objetivos que orientam a investigação (GODOY, 1995, p. 63).

Logo após, sempre em contato com a teoria, procedeu-se à discussão e fichamento das leituras, por serem esses meios de organizar as informações e problematizar o tema a ser pesquisado, permitindo ao pesquisador formular questões pertinentes que ainda não foram tratadas por outros estudos (GENHARDT, 2009, p. 45) e, consequentemente, definir as categorias de análise. Essa etapa consiste no estabelecimento dos fenômenos que serão investigados (GOMES, 2002, p. 70) e foi realizada a fim de, por meio de uma pré-seleção de conceitos fundamentada no arcabouço teórico já mobilizado, guiar a análise do *corpus.* Dessa maneira, definimos como categorias de análise o enunciado verbo-visual das capas, o dialogismo que atravessa o signo “vacina” e o posicionamento axiológico do sujeito produtor midiático na constituição da autoria.

Finalmente, procedeu-se à análise do *corpus* por meio da abordagem das capas das revistas digitais. Em tal procedimento, elencamos como critério de escolha das capas a consideração do tema da vacinação contra a COVID-19 no Brasil, tendo em vista ser um acontecimento que centralizou as discussões no período, operando, de modo bastante explícito, com posições em confronto Para alguns, a chegada da vacina

era motivo de comemoração, já que significava a possibilidade de um gradativo restabelecimento do convívio mais seguro. Para outros, representava um perigo, ou mesmo um meio ineficaz de controle do vírus. Ainda houve também, nesse momento, a promoção de medicamentos não aprovados pela Anvisa.

Logo, mobilizar tais discursos, tais como atualizados no gênero em análise, representa um passo importante na compreensão da relação entre as expectativas e opiniões em torno da vacinação e a atual aceitação do conhecimento científico no Brasil, o qual tem sido alvo de uma crescente desconfiança, frente ao notório fortalecimento de ideias não comprovadas, as chamadas teorias da conspiração.

4. *Olhando por trás da capa*

A capa da edição 2.643 da revista IstoÉ, apresentada a seguir, retrata, ao centro e em caricatura, o presidente Jair Bolsonaro, com um aspecto enfraquecido e segurando um suporte para soro, de bata hospitalar e meias em uma situação de pronunciamento. Esse último detalhe é percebido pela presença do microfone, que, por sua vez, provém de um conjunto de equipamentos de transmissão midiática ao redor da figura política, nesse ponto recriando um cenário conhecido do público.

Figura 1: capa da edição 2.643 da revista IstoÉ



Fonte: IstoÉ (2020)

Nota-se, ainda, que o presidente está sendo vacinado, cena que é também indicada no plano verbal da capa, na parte inferior da página e em destaque, pela expressão "vacina contra a ignorância". Tal enunciado recoloca em questão e dialoga com os debates acerca da imunização contra a COVID-19, tecendo, assim, ao mesmo tempo que uma relação contratual com os discursos favoráveis à vacinação, uma relação polêmica ao reproduzir diretamente as palavras "vacina contra [...]". Substitui, porém, o termo esperado ("a COVID-19") por "a ignorância". A partir da análise da construção verbo-visual da capa, esse arranjo pode ser entendido sob dois ângulos, que coexistem na leitura: (1) a ignorância como foco da capa, doença que o presidente possui e deve antes de tudo ser combatida; (2) a COVID-19 como foco da capa, sendo a imunização contra a doença o caminho razoável a ser seguido.

Nas duas perspectivas, a palavra vacina é o elemento que centraliza a tensão axiológica do enunciado, atuando como uma arena na qual convergem valores sociais contraditórios (BAKHTIN, 2006, p. 66). Isso porque se apresenta ao leitor como internamente persuasiva e "transita, portanto, nas fronteiras, é centrífuga, é permeável às bivocalizações e hibridizações, abre-se continuamente para a mudança." (FARACO, 2009, p. 85). Um exemplo é a sua apropriação e circulação em diversas manifestações de posicionamento, principalmente nas redes sociais como o Twitter, pelo uso de hastags como #vacinaja, #vacinaparatodos, #vemvacina, #vacinasim e #todospelasvacinas ou, de maneira oposta, #vacinaobrigatorianao, #eunaovoutomarvacina, #naovoutomarvacina, #vacinanao e #vacinaobrigatorianunca (SOUSA; BECKER, 2021).

Logo, a relação entre os signos "vacina" e "ignorância" ativa uma ampla rede de enunciados produzidos no período de publicação da revista, atrelados a movimentos pró e contra à utilização do imunizante, atravessados pela desaprovação pública de Jair Bolsonaro das vacinas - a despeito dos pareceres favoráveis e da regulamentação de seu uso por autoridades sanitárias, como a Anvisa, e da Lei sobre a vacinação sancionada em fevereiro do mesmo ano. É o que se pode ler no texto escrito em letras pequenas ao final, na referência ao pronunciamento do presidente sobre a vacina.

Do enunciado verbal, nota-se que palavras como "retrocesso", "resistência" e "descaso", postas frente às "conquistas civilizatórias", "Lei", "imunização coletiva" e

"saúde pública" justificam a primeira leitura da capa acima mencionada, a saber, a da ignorância do presidente não como um epifenômeno da pandemia, mas como o problema principal, que ganhou notoriedade com a eclosão do vírus da COVID-19. Na compreensão do enunciado, pode ser recuperada a sua fala de 31 de agosto de 2020, ao ser questionado por apoiadora sobre a segurança do novo imunizante, de que "ninguém pode obrigar ninguém a tomar vacina."

Nesse contexto, a crítica do sujeito produtor da capa em atribuir à ignorância esse posicionamento se pauta também nas reações desencadeadas pelo pronunciamento entre entidades e pesquisadores da área de saúde, os quais se posicionaram em defesa eficácia da vacina e, consequentemente, a sua utilização compulsória. Isso acentuou a divergência de recomendações sobre as formas de enfrentamento ao vírus e, ao mesmo tempo, evidenciou o desacordo do governo Bolsonaro com a ciência, o que ficou claro com as trocas de ministros de saúde em curtíssimo intervalo nos primeiros meses da pandemia.

Ainda, o sentido de ignorância na capa pode ser construído considerando-se que, desde o início do surto do vírus no Brasil, o presidente demonstrou estar em clara oposição a esses profissionais e desinteressado em cooperar com os trâmites internacionais relativos ao desenvolvimento da vacina, bem como em planejar a sua aplicação (CRUZ, 2021). Todo esse contexto, portanto, colaborou na crescente descredibilização e rejeição de seu governo, que passou, então, a ser associado a qualificativos como criminoso, inimigo da saúde e genocida.

Semelhantemente, a expressão "vacina contra", por ser, conforme já apontado, uma fórmula linguística ostensivamente reiterada nos espaços midiáticos, não deixa de espelhar no enunciado a questão do combate à COVID-19. Nesse sentido, para que o enunciado verbo-visual da capa configure-se como resposta a outros dizeres, o sujeito produtor antecipa as possíveis respostas de seus destinatários, com isso considerando, além dos possíveis interesses pelos episódios ocorridos no contexto imediato, um público leitor ideal da revista (PUZZO, 2009).

Portanto, o leitor da capa, sujeito histórico, pode atribuir facilmente sentidos a esse enunciado, logo assumindo o pensamento de que o discurso antivacina é ignorante, a ignorância é uma doença e, sobretudo, que a adesão, em meio a um deflagrado conflito político, à vacina contra a COVID-19 é a postura adequada (e urgente) a ser

tomada para evitar tal insensatez, primeiramente pelo representante da nação e, por extensão, por todos os brasileiros.

Consequentemente, conforme a segunda leitura aqui mencionada, há uma sobreposição de sentidos, em que a expressão "vacina contra a COVID-19" corresponde diretamente à "vacina contra a ignorância". Por outro lado, não se pode dizer que a relação travada entre esses enunciados se esgota apenas na desvalorização popular da ciência. O fato de o presidente aparecer ao centro da capa sozinho recebendo essa vacina enquanto tem a sua fala reportada diante de uma audiência demonstra que a crítica da revista se faz específica a um evento e ator social, como visto no texto verbal "[...] o presidente Bolsonaro defende a não obrigatoriedade da vacina [...], evidenciando, *mais uma vez,* seu descaso pela saúde pública [...]" (ISTOÉ, 2020, p. 1, *grifo nosso*).

Dessa maneira, os elementos visuais da capa concorrem para criar uma imagem de doença, inaptidão e imprudência do presidente. É o que se vê nos elementos explorados pela caricatura. Além da bata hospitalar, pode-se mencionar a magreza, a postura corporal desajeitada, inclinada em direção a um ponto de apoio e o braço direito retraído sobre o corpo. Ademais, os joelhos também estão retraídos, como a indicar mais uma vez um corpo desconjuntado, que não consegue se firmar e talvez ainda reforçar a condição vergonhosa em que o próprio presidente se coloca em seus pronunciamentos acerca da vacina contra a COVID-19.

A escolha do fundo completamente branco contrastante com os tons vermelhos no nome da revista, no líquido contido na vacina, no nome "ignorância" e no trecho verbal em menor relevo também reforça a condição de doença e a criação de um cenário hospitalar. Portanto, essa representação aliada à montagem de um cenário de entrevista demarca seguramente o posicionamento axiológico da revista em relação não apenas ao evento abordado, mas ao próprio governo de Jair Bolsonaro, posto que a fala do presidente a qual alude a capa não é vista como acidental ou pontual em sua gestão. De qualquer forma, essa não pode ser avaliada isolada da cadeia de enunciados em que o signo "vacina" figura, pois é essa relação sempre aberta entre os dizeres que sustenta qualquer enunciado.

Com efeito, tal como aponta Fiorin (1998, p. 46), o discurso não é um sistema fechado em si mesmo, mas um lugar de troca, e, nessa condição, "pode aceitar, implícita ou explicitamente, outro discurso, pode rejeitá-lo, pode repeti-lo num tom irônico ou

reverente". Por conseguinte, a escolha das palavras e das figuras no enunciado da capa é estratégica não apenas no recorte do evento, mas também no seu endereçamento ao leitor. Há sempre um interesse, um propósito quando se retoma o discurso do outro (CUNHA, 2017), a qual compõe o estilo individual da revista (PUZZO e LACERDA, 2015), uma vez que a sua posição sobre um determinado assunto a leva a manifestar formas particulares de enquadramento dos dizeres do outro, por exemplo, nos comentários prévios ao discurso citado, nas reacentuações, nas escolhas de palavras, nas formulações etc (CUNHA, 2017). Nesse caso, o interlocutor é o indivíduo situado no cronotopo pandêmico brasileiro.

Portanto, haja vista o lugar único e intransferível que cada indivíduo ocupa no mundo (BAKHTIN, 1977), pode-se perceber a autoria no enunciado, uma vez que "estamos sempre implicados naquilo que dizemos e na forma como dizemos" (FRANCELINO, 2011, p. 105). Como buscou-se apontar, a concepção da capa reflete já um refratamento de uma realidade, que deslegitima o pronunciamento de Jair Bolsonaro em relação à vacina e o remete a uma doença – a falta de conhecimento. Essa apreciação é amplificada e mesmo tornada possível pelo fato de a fala do presidente dar-se diante dos aparelhos audiovisuais de compartilhamento de informação, o que torna ainda mais clara a intenção da revista em denunciar um posicionamento negligente em se tratando das políticas de contenção do vírus.

Dessa forma, verifica-se que a capa, à medida que é uma resposta a outros enunciados, também prevê a compreensão responsiva ativa de seu interlocutor (BAKHTIN, 1977), contando com ela para constituir sentido. Nessa discussão, é cabível lembrar do que afirma Ponzio (2010, p. 54), ao tratar da "escuta fala" em oposição à problemática alternância dos parceiros da comunicação verbal. Segundo o autor, a posição responsiva pode ter início já na primeira palavra do falante. É o que se verifica aqui no uso do signo "vacina", que estimula o interlocutor da revista a opor desde essa primeira escolha verbal uma contrapalavra, de concordância, rejeição, desinteresse, indignação, complementação, etc.

Ainda conforme Ponzio (2010), essa mesma posição responsiva incide sobre a própria forma, sintaxe, entonação, o contexto, o dizer e o dito (PONZIO, 2010), o que está de acordo com o afirmado na presente análise a respeito do endereçamento do enunciado da capa a uma resposta determinada de um público por sua vez também

previsto. Como resultado, a escolha de "ignorância" no lugar de "COVID-19, à luz dessas relações de sentido, reorienta a polarização inerente ao tema, da adesão ou rejeição ao imunizante no combate ao vírus para o estado de ignorância ou esclarecimento sobre o tema, o que significa, em outros termos, estar ou não ao lado da ciência. Por conseguinte, a autoria do sujeito-IstoÉ se constitui na aproximação com a ciência.

De modo bastante próximo, a capa da edição 2.756 da Revista Veja trata da vacinação no Brasil. Nela não há o signo verbal "vacina" no enunciado, apenas a sua representação imagética em relevo ao centro da folha. Assim como na capa 1, "ignorância" está em paralelo com "COVID-19"– na construção que se lê na parte inferior da capa "O vírus da ignorância" – e é, consequentemente, também colocada como uma doença. Desta vez, o foco recai unicamente sobre a ignorância e os seus efeitos, como se vê em sequência:

Figura 2: capa da edição 2.756 da revista Veja



Fonte: Veja (2021)

Observa-se, da articulação dos componentes verbo-visuais da capa, a relação entre o fundo rosado integralmente coberto por representações vermelhas de vírus e uma em maior destaque no centro. Nessa região, a página está mais iluminada, como um

ponto final do crescendo de luz que parte das bordas, envolvendo todos os elementos da capa de maneira circular, e se maximiza no vírus, como se estivesse a limitar a visualização do todo verbo-visual a sua imagem.

O "vírus da ignorância" é representado pela imagem de um senhor de idade dentro do tubo do aplicador da vacina, com os braços levantados num movimento de força de sentido contrário à extremidade da agulha do objeto, na tentativa de impedir que o seu conteúdo seja expelido. É possível entender que o vírus da ignorância trata-se, então, do movimento antivacina, como se constata no trecho verbal em letras pequenas na parte inferior da capa: "Forte nos Estados Unidos e na Europa, o movimento antivacina está se tornando uma grave ameaça ao controle da COVID-19 no mundo [...]" (VEJA, 2021, p. 1).

Além disso, as diferentes nuances de luz observadas nos tons claros-escuros da capa parecem ser projetadas pela sombra de algum objeto circular, que direciona o olhar do leitor para o mesmo foco de observação tido pelo usuário do instrumento, como a lupa de um microscópio. Dessa maneira, o vetor causador da ignorância é apresentado de um modo particularizado, como a reforçar a sua condição de ser um tipo específico e importante de vírus dentre as demais formas não especificadas ao fundo.

Assim sendo, a capa da Veja demonstra a formação de um autor afinado ao discurso científico da necessidade da vacinação, o que é perceptível pela transposição de valorações produtivas nos enunciados sobre o vírus da COVID-19 para o movimento antivacina, como se vê nos sentidos presentes em "grave ameaça" e "contaminados". Tais expressões pertencem ao mesmo campo semântico de "vírus", nomeação escolhida pela revista para designar o fenômeno. Logo, a capa aproxima a seriedade do movimento antivacina ao de uma pandemia, não apenas pela exploração do léxico do contexto sanitário, mas também por mencionar, com tom de preocupação, a repercussão global do movimento, destacando inclusive a diferente intensidade de sua influência em alguns países.

O aspecto da nomeação é de especial relevância quando se trata da autoria, já que, ao nomear, o produtor expõe um julgamento de valor em relação ao objeto do discurso e aos que o nomeiam de forma diferente (CUNHA, 2017). Nesse viés, o sujeito não apenas marca o seu lugar, mas também o do outro, ambos constituindo-se à proporção que interagem entre si. Por tal razão, Baronas; Araujo; Ponsoni (2013)

afirmam que a palavra tem papel de revelação, iluminação e encontro com o mundo. Por conseguinte, o processo de nomeação vai ao encontro da concepção de enunciado que fundamenta este trabalho, uma vez que, tomado como um elo da comunicação verbal, ele tem seu sentido construído na contraposição a outro enunciado, exibindo seu direito e seu avesso (FIORIN, 2011).

Nesta capa, portanto, a designação "o vírus da ignorância" é decorrente de um modo próprio e único do sujeito-veja de conceber o movimento antivacina, cuja acentuação apreciativa é possível apenas pelo engendramento dialógico de sentidos (BARONAS; ARAÚJO; PONSONI, 2013), já em processo e ativos no contexto pandêmico, particularmente de pós-chegada da vacina ao Brasil. Prova disso é a publicação desta edição da revista no período em que o Brasil avançava na aplicação do cronograma de vacinação.

O breve resgate histórico feito aqui ajuda a percorrer a rede enunciativa de "o vírus da ignorância", bem como da expressão "comportamento irracional". Nos dois casos, tem-se em apreço a falta de juízo, razão, sensatez, raciocínio lógico. Nesse raciocínio, a replicação de um comportamento. Assim sendo, da relação entre essas partes do enunciado da capa, obtém-se a ideia de que, se a ignorância é a doença em questão, o movimento antivacina é o sintoma característico, conforme explicitado na imagem. Curiosamente, a leitura integrada de texto e imagem da capa demonstra que "irracionalidade" não só pode englobar o sentido de ausência de razão, mas o de ser contrário a ela, ou seja, o de deliberadamente opor-se a planos de ações logicamente desejáveis num cenário prolongado de pandemia.

5. *Conclusões*

Este trabalho procurou mostrar como as relações dialógicas deflagram o fenômeno da autoria nos enunciados verbo-visuais de duas capas de revista, a partir do diálogo entre enunciados polêmicos do contexto social e político brasileiro. Assim, observou-se que os sujeitos produtores das revistas IstoÉ e Veja refletem e refratam as opiniões insurgentes no período de sua produção de modo semelhante, por meio da discursivização dos signos vacina/vírus e ignorância. Do mesmo modo, a verbo-

visualidade configurou um plano de expressão especial para a construção dessa autoria. Logo, foram cumpridos os objetivos específicos da pesquisa.

Assim, na primeira capa, observou-se que a abordagem do pronunciamento do presidente sobre a vacina está ligada ao alinhamento do sujeito-IstoÉ ao discurso científico vigente acerca da vacinação, que o leva, então, a avaliar a figura política como ignorante e a propor, em consequência, uma vacina para isso – "vacina contra a ignorância". Na segunda, semelhantemente, a representação do vírus como um homem – "o vírus da ignorância" – a interceptar a aplicação da vacina contribui ao propósito do sujeito-veja de destacar os efeitos reais da ignorância por meio do movimento antivacina. Logo, nas duas capas, há a formação de autores que representam o lugar da ciência no contexto brasileiro de vacinação contra a COVID-19, ao entenderem a ignorância como uma doença e como o principal obstáculo à reversão do quadro pandêmico.

Nesse aspecto, a investigação se fez por meio da observação do funcionamento das relações dialógicas na criação do posicionamento expresso nas capas. Ainda foram exploradas, na análise, características do gênero em questão, como forma de entender melhor a situação de produção em que o projeto discursivo é formado e, paralelamente, identificar os seus pontos de contato com esse meio. Portanto, tanto a metodologia de análise quanto os conceitos teóricos mobilizados na pesquisa foram produtivos no alcance de seu objetivo, permitindo concluir que os sujeitos midiáticos constituíram-se autores à medida que seus enunciados travaram confronto com outros, principalmente os produtivos na esfera de circulação da revista – as redes sociais digitais.

Dessa maneira, o trabalho se abre agora às leituras e as contribuições do público interessado, como um enunciado-resposta à espera dos próximos elos que se seguirão a ele e atestarão o seu acabamento específico, isto é, a possibilidade de ser, por sua vez, respondido (BAKHTIN, 1997). De fato, mais estudos sobre o tema são necessários, de maneira a esclarecer o funcionamento da autoria em enunciados para além do âmbito literário, especificamente os de composição verbo-visual como a capa de revista, destacando os modos particulares de significar de cada linguagem.

Referências

ARÁN, Pompa Olga. A questão do autor em Bakhtin. **Bakhtiniana,** São Paulo, v. 9, número especial, p. 4-25, jan./jul. 2014. DOI: https://doi.org/10.1590/S2176-45732014000300002.

BAKHTIN, Mikhail. **Estética da criação verbal**. Tradução de Maria Ermantina Galvão G. Pereira. 2 ed. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

BRAIT, Beth. Olhar e ler: verbo-visualidade em perspectiva dialógica. **Bakhtiniana**, São Paulo, v. 2, n. 13, p. 43-66, ju./dez. 2013. Disponível em: https://revistas.pucsp.br/index.php/bakhtiniana/article/view/16568. Acesso em: 24 de mar. de 2021.

BUBNOVA, Tatiana. Voz, sentido e diálogo em Bakhtin. Trad. Roberto Leiser Baronas e Fernanda Tonelli. **Bakhtiniana,** São Paulo, v. 1, n. 6, p. 268-280, ago./dez. 2011. Disponível em: https://revistas.pucsp.br/index.php/bakhtiniana/article/view/7286. Acesso em: 26 jul. 2022.

CARDOSO e SILVA, Lourdes; Cabral, Luís Rodolfo. Construção de sentido: análise no gênero capa de revista. **Littera: Revista De Estudos Linguísticos E Literários,** São Luís, v. 6, n. 10, jun. 2015. Disponível em: http://periodicoseletronicos.ufma.br/index.php/littera/article/view/3562. Acesso em: 7 de nov. de 2022.

CUNHA, Doris. Vozes e poder no telejornal: o funcionamento do discurso reportado no jornal nacional da Rede Globo. **Linha D'Água**, São Paulo, v. 30, n. 1, p. 89-114, jun. 2017. Disponível em: https://www.revistas.usp.br/linhadagua/article/view/128319/133040. Acesso em: 22 de mar. de 2022.

CRUZ, Isabela. Como Bolsonaro atacou e atrasou a vacinação na pandemia. **Nexo**, 21 de março de 2021. Disponível em: https://bityli.com/iRzpjFSgk. Acesso em: 24 de mar. de 2022.

FARACO, Carlos Alberto. **Linguagem & Diálogo: ideias linguísticas do Círculo de Bakhtin.** 1 ed. São Paulo: Parábola, 2009.

FIORIN, José Luiz. **Linguagem e ideologia**. 6 ed. São Paulo: Ática, 1998.

FIORIN, José Luiz. **Introdução ao pensamento de Bakhtin**. 1 ed. São Paulo: Ática, 2011.

FRANCELINO, Pedro Farias. **A autoria no gênero discursivo aula: uma abordagem enunciativa**. 2007. Tese (Doutorado). Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2007. Disponível em: <https://repositorio.ufpe.br/bitstream/123456789/7530/1/arquivo7474_1.pdf> Acesso em: 7 de nov. de 2022.

GENHARDT, Taliana Engel. A construção da pesquisa. *In*: GENHARDT, Taliana Engel; SILVEIRA, Denise Tolfo (orgs.). **Métodos de pesquisa.** Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009. p. 43-64.

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4 ed. São Paulo: Atlas, 2002.

GODOY, Arilda Schimidt. Introdução à pesquisa qualitativa e suas possibilidades. **RAE - Revista de Administração de Empresas**, São Paulo, v. 35, n. 2, p. 57-63, mar./abr. 1995. Disponível em: https://www.scielo.br/pdf/rae/v35n2/a08v35n2.pdf. Acesso em: 22 de mar. de 2022.

GOMES, Romeu. A análise de dados em pesquisa qualitativa. *In*: MINAYO, M. C. S. (org.). **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. 21 ed. Petrópolis: Vozes, 2002. p. 67-80.

LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. Técnicas de pesquisa. *In*: LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. **Fundamentos da metodologia científica**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2003. p. 155-171. Disponível em: http://docente.ifrn.edu.br/olivianeta/disciplinas/copy_of_historia-i/historia- ii/china-e-india/view. Acesso em: 22 de mar. de 2022.

PONZIO, Augusto. **Procurando uma palavra outra**. 1 ed. São Paulo: Pedro & João Editores, 2010.

PUZZO, Miriam Bauab. A linguagem verbo-visual das capas de revista e os implícitos na constituição de sentido. **Intercâmbio,** São Paulo, v. 20, p. 125-138, dez. 2009. Disponível em: https://revistas.pucsp.br/index.php/intercambio/article/view/3540/2308. Acesso em: 7 de nov. de 2022.

PUZZO, Miriam Bauab. Relações dialógicas: capa de revista e reportagem interna. **Estudos Linguísticos,** São Paulo, v. 40, n. 3, p. 1520-1530, set./dez. 2011. Disponível em: https://revistas.gel.org.br/estudos-linguisticos/article/view/1273. Acesso em: 7 de nov. de 2022.

PUZZO, Miriam Bauab; LACERDA, Edmilson Arlindo. Análise da linguagem verbo-visual de capa de revista: uma proposta de leitura bakhtiniana. **Caminhos em Linguística Aplicada**, São Paulo, v. 13, n. 2, p. 198-223, jul. 2015. Disponível em: http://periodicos.unitau.br/ojs/index.php/caminhoslinguistica/article/view/2061. Acesso em: 24 de mar. de 2022.

REVISTA ISTOÉ. São Paulo, nº 2643, 11 set. 2020.

REVISTA VEJA. São Paulo, nº 2756, 22 set. 2021.

REVISTAS em 2021: impresso cai 28%; digital retrai 21%. **Poder 360,** 2022. Disponível em: https://www.poder360.com.br/midia/revistas-em-2021-impresso-cai-28-digital-retrai-21/. Acesso em: 7 de nov. de 2022.

RIOS, Thiane Marjorie Miranda; OSIAS, Juliene Paiva de Araújo. Capa de revista: Um gênero rico para a sala de aula. **Revista Científica Multidisciplinar Núcleo do Conhecimento**, [s.l.], ano 06, ed. 02, vol. 07, p. 37-52, fev. 2021. Disponível em: https://www.nucleodoconhecimento.com.br/educacao/capa-de-revista. Acesso em: 24 de mar. de 2022.

SOBRAL, Adail. **Do dialogismo ao gênero: as bases do pensamento do Círculo de Bakhtin**. Campinas: Mercado de Letras, 2009.

SOUSA, Andre Mediote; BECKER, Karin. Pro/Anti-vaxxers in Brazil: a temporal analysis of COVID vaccination stance in Twitter. *In*: Symposium on Knowledge Discovery, Mining and Learning (KDMILE), 9., 2021, Rio de Janeiro. **Anais** [...]. Porto Alegre: Sociedade Brasileira de Computação, 2021. p. 105-112. ISSN 2763-8944. DOI: https://doi.org/10.5753/kdmile.2021.17467.

VOLÓCHINOV, Valentin (Círculo de Bakhtin). **Marxismo e filosofia da linguagem: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem.** Tradução, notas e glossário de Sheila Grillo e Ekaterina Vólkova Américo. Ensaio introdutório de Sheila Grillo. São Paulo: Editora 34, 2017.

Recebido em 15 de setembro de 2022.
Aceito em 17 de novembro de 2022.